

**Irlanda.** Marie-Therese, Tom Hayes e Paddy Doyle estão entre os milhares de vítimas de abusos nas escolas industriais geridas por religiosos na Irlanda do século XX e exigem mais 600 milhões em indemnizações das congregações da Igreja. Isto numa altura em que o país se prepara para um segundo relatório sobre abusos a crianças, depois da divulgação, em Maio, do relatório Ryan



**Marie-Therese saiu da escola sem saber ler nem escrever. Aos 58 anos está a aprender a fazer contas**

**Marie-Therese ouve as explicações da professora Maria Gibbs, na aula de Matemática para adultos da Larkin Community College em Dublin**

ainda recebeu mais ameaças dos colegas. Nada foi feito. “Quando saí não sabia ler, nem usar um telefone, lia devagar, não tinha capacidade de relacionamento social. Mais tarde tive seguimento médico, ajuda de um psicólogo, mas aquilo nunca desapareceu. Os abusos continuam connosco, a assustar-nos, a aparecer nos pesadelos. Não há volta a dar: uma vez abusado, é-se marcado para toda a vida”, desabafa, enquanto o olhar longínquo e lacrimoso denuncia que foi subitamente transportado para o passado.

Tom Hayes e Marie-Therese vieram a descobrir, posteriormente, que as suas mães não tinham morrido e que, apesar de nunca receberem visitas, tinham família. “Quando saí da escola andei, durante muito tempo, numa vida sem sentido. Até cheguei a usar nomes falsos, a inventar referências para ir trabalhar como *au pair* na Suíça, mas depois de ter sido descoberta fui internada num hospital psiquiátrico e deportada. Nessa altura, porém, já não tinha medo das ameaças das irmãs de Goldenbridge e fugi, viajando, à boleia por toda a Europa. A certa altura, quando vivia em Londres, numa pensão, fui ajudada por um padre, que me levou a um psicólogo”, recorda, dizendo que começou a rir quando este lhe pediu para falar de si e da mãe.

“Eu não sabia quem eu era e muito menos o que era uma mãe.” A única coisa de que tinha memória era a casa da família de acolhimento que em tempos a rejeitara. “Voltei à Irlanda e fui bater à porta deles. Pedi explicações e eles, então, levaram-me até um bar em Wexford. Fui apresentada a um homem que era meu tio, que não sabia que eu existia e ficou em estado de choque. Ele contou que a minha mãe casara com outro homem e vivia em Birmingham. Eu

passei-me por saber isso e voltei a ir-me embora para Londres.” Quando lá estava, na pensão, recebeu um telefonema da mãe a pedir-lhe perdão. “Foi em Agosto de 1979”, diz, acrescentando que “ela morreu em 1990”.

Mais recentemente, em 2007, enquanto dormia à porta do Parlamento irlandês, Dáil, para exigir que lhe seja paga também uma indemnização pelo que lhe fizeram na maternidade Regina Ceoli, descobriu que tinha uma irmã. “A mulher ficava ali, a olhar, mas não dizia nada. A seguir mandou-me um *e-mail* a dizer que também ela era filha de Johanne Karma, mas que, ao contrário de mim, tinha sido adoptada. Agora tem quat-ro filhos. E eu não tenho nada, nunca estudei nem trabalhei, fui declarada inválida e sofro de *stress* pós-traumático”, exclama, confessando que, até agora, ainda não arranhou coragem para se encontrar com a meia-irmã.

Tom, pelo contrário, já conheceu a família que tem do lado da mãe, em 2003. A Alliance Victim Support Group, de que faz parte, recebeu uma carta de um primo a perguntar por ele. “A família sempre soube que a irmã da

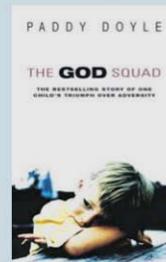
mãe dele tivera um filho, mas não sabiam onde ele estava. Foi assim que descobri que a minha mãe fora viver para Inglaterra e tivera mais dois filhos e duas filhas. Conheci-os todos, há seis anos, tenho tios e tias, sobrinhos, em Limerick, Cork, Liverpool, até nos EUA”, explica. Sobre o seu pai nunca descobriu nada.

Casado e com dois filhos, Tom vive actualmente em Armagh, na Irlanda do Norte. É reformado do Exército britânico, a tábua de salvação que encontrou depois de um passado errante em hotéis irlandeses, onde trabalhou depois de deixar a escola gerida pelos irmãos Cristãos. Agora prepara-se ▶

## Abusos inspiraram vários livros na Irlanda

### 'THE GODSQUAD'

• Escrito em 1988, quando ainda não havia organizações de defesa de vítimas dos abusos nas escolas estatais geridas por religiosos, o livro de Paddy Doyle transformou-se num *best-seller* na Irlanda e no Reino Unido. Em *O Esquadrão de Deus* não procura apontar o dedo mas descrever a sua história de sobrevivente na escola de Cappoquin, primeiro, em vários hospitais, depois. Viu o pai enforcar-se, depois de a mãe morrer de cancro na mama. Era um órfão. Mais um.



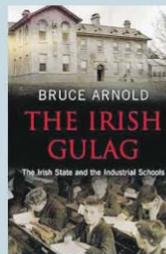
### 'FREEDOM OF ANGELS'

• Bernardette Fay, membro do Aislinn Centre, esteve internada em Goldenbridge, entre os sete e os 16 anos, com mais três irmãos. *A Liberdade dos Anjos* conta uma história de sobrevivência num estabelecimento de ensino em que as crianças estavam envolvidas no fabrico de rosários para vender para fora. Apesar de todas as privações, Bernardette formou-se, é hoje psicóloga e dedica-se a ajudar outras vítimas de abusos.



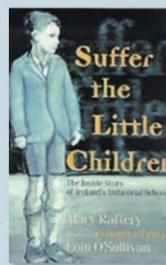
### 'THE IRISH GULAG'

• Jornalista *freelancer* britânico baseado em Dublin, Bruce Arnold publicou *O Gulag Irlandês* no início de Maio deste ano, o mesmo mês em que foi divulgado o relatório da comissão de inquérito liderada pelo juiz Sean Ryan. Nele, o jornalista desmonta o sistema de escolas industriais que a Irlanda independente herdou. E denuncia a traição do Estado e da Igreja a milhares de crianças inocentes.



### 'SUFFER THE LITTLE CHILDREN'

• *O Sofrimento das Crianças*, de Mary Raftery e Eoin O'Sullivan, foi publicado pela primeira vez em 1999, ano em que saíram os polémicos documentários *States of Fear*. Divididos em três partes, também da autoria da jornalista *freelance* Mary Raftery, chocaram a Irlanda e obrigaram o Governo e as congregações religiosas a pedir publicamente desculpas às vítimas de abusos.



### 'FEAR OF THE COLLAR'

• Publicado em 2002, o *Medo do Colarinho* faz um relato aterrador do dia-a-dia na escola industrial de Artane, em Dublin. Gerida pela congregação dos irmãos Cristãos, surgiu no relatório Ryan como uma escola onde as agressões físicas e os abusos sexuais eram um problema crónico. O bem-estar da criança era negligenciado. A instituição era posta em primeiro lugar.

